

**PAISAGEM, IDENTIDADE E CULTURA SANFRANCISCANA:  
sujeitos e lugares das comunidades tradicionais localizadas no entorno  
e nas ilhas do médio rio São Francisco**

**PORTRAIT, IDENTITY AND CULTURE OF THE SÃO: subjects  
and places of traditional communities located along and in the islands  
in medium São Francisco river**

**AngelaFagna Gomes de Souza<sup>1</sup>**

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia  
E-mail: [angelafagna@hotmail.com](mailto:angelafagna@hotmail.com)

**Carlos Rodrigues Brandão**

Professor visitante da Universidade Federal de Uberlândia  
E-mail: [carlosrbrandão@yahoo.com.br](mailto:carlosrbrandão@yahoo.com.br)

**Resumo:** A proposta deste artigo é analisar a diversidade cultural presente nas comunidades tradicionais localizadas nas margens e ilhas do médio rio São Francisco no Estado de Minas Gerais - Brasil. Desenvolvemos nosso estudo pautado em discussões e pesquisas realizadas acerca das necessidades de adaptação destas comunidades à natureza, às condições sociais e à própria estrutura social organizada por elas. A elaboração deste artigo possibilita em primeiro plano um melhor entendimento da paisagem cultural do alto médio rio São Francisco, tendo como objetivo principal propiciar modos e meios de reconhecimento das culturas locais das comunidades envolvidas, considerando a valorização de seus saberes e práticas criativas e criadoras de uma identidade cultural local e regional. Buscamos evidenciar as formas de pertencimento e da apropriação dos territórios, o respeito às tradições, aos costumes, aos credos, as partilhas e as expressões simbólicas que resultam na produção e reprodução de uma vida material e imaterial, refletida nas múltiplas categorias de sujeitos e lugares usados para definirem as suas identidades sanfranciscanas.

**Palavras chave:** rio São Francisco, comunidades tradicionais, identidade, diversidade cultural.

---

<sup>1</sup> Membro do grupo de pesquisa “Opará: grupo de estudos do rio São Francisco” vinculado ao departamento de Políticas e Ciências Sociais da Unimontes e do grupo de pesquisa “Sociedade e Cultura” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS. Colaboradora do Projeto denominado “A Dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe”; edital Pró-Cultura 07/2008 M.E./Minc.

**Abstract:** The purpose of this paper is to analyze the cultural diversity laid on the traditional communities located along and in the islands of the medium São Francisco river in the state of Minas Gerais, Brazil. We developed our study based in discussions and researches about the adaptation needs of those communities with nature, social conditions and their own social structures. This paper allows at first a better understanding of the cultural landscape of high medium São Francisco, having as main objective find ways to recognize local cultures of the involved communities, considering the enhancement of knowledge and creative practices that form the cultural identity, local and regionally. We seek to highlight the forms of belonging and ownership of the territories, the respect to the traditions, the customs, the creeds, the shares and symbolic expressions that result in the production and reproduction of a material and immaterial life, reflected in multiple categories of subjects and locations used to define their identities.

**Key words:** São Francisco river, traditional communities, identity, cultural diversity.

## INTRODUÇÃO

*O senhor vê, nos Gerais longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta o barulho de fortes águas ... o senhor dorme sobre um rio? (Rosa, 1970, p. 273)*

A proposta deste artigo é fazer uma reflexão acerca das múltiplas identidades existente nas comunidades tradicionais norte-mineiras localizadas no entorno e nas ilhas do médio rio São Francisco, norte do estado de Minas Gerais - Brasil<sup>2</sup>, identificados a partir de suas identidades culturais, seus modos de vida e seus saber populares.

Antes mesmo de iniciarmos a pesquisa, alguns questionamentos nortearam as nossas reflexões como por exemplo: quais são os tipos especiais de pessoas, culturas e comunidades que iremos encontrar ao longo rio São Francisco? Quem são os homens e as mulheres que em Minas Gerais vivem do/no rio São Francisco? O que caracteriza as

---

<sup>2</sup> Este estudo surgiu a partir das discussões e reflexões teóricas feitas no âmbito da disciplina: "Identidade Cultural, Relações Espaço Poder e Territorialidade", ministrada pela professora Maria Geralda de Almeida, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe e das nossas observações de campo feitas durante uma viagem de barco realizada entre os dias 17 a 27 de julho de 2011, pelo curso do médio rio São Francisco desde a cidade de Pirapora/MG até a cidade de Manga, na divisa entre os estados de Minas Gerais e Bahia. A viagem surgiu a partir da aprovação do projeto "Etno-cartografias do São Francisco: modos culturais de vida cotidiana, culturas locais e patrimônios culturais em/de comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais" financiado pelo CNPq edital - 02/2009.

comunidades tradicionais de beira-rio enquanto modos de vida e formas peculiares de cultura? Os processos em curso alteram o modo de vida tradicional? O rio São Francisco é realmente tratado enquanto um símbolo, um divisor de águas, saberes e identidade?

O nosso objetivo principal foi entender de que forma a paisagem cultural sanfranciscana vem sendo desenhada e retratada, tendo como enfoque as necessidades de adaptação à natureza, às condições sociais e à própria estrutura social organizada.

Identificamos que o reconhecimento e a valorização dos modos de vida, saberes e práticas criativas e criadoras de uma identidade cultural local e regional evidencia as formas de pertencimento e da apropriação aos territórios, o respeito às tradições, os costumes, os credos, as partilhas e as expressões simbólicas que resultem na produção e reprodução de uma vida material e imaterial, refletida nas múltiplas categorias de sujeitos e lugares usadas para definirem as suas identidades sanfranciscanas.

As formas de vida e trabalho tipicamente tradicionais destas comunidades e ilhas tem sido uma das principais formas de identificação da identidade cultural sanfranciscana, manifestada por pescadores artesanais, trabalhadores rurais, lavradores, sitiantes, ribeirinhos, ilheiros, barranqueiros, vazanteiros, enfim, por diferentes categorias sociais e culturais dos diversos povos tradicionais do médio rio São Francisco.

Esta pesquisa além de inventariar todas as comunidades e ilhas pesquisadas, possibilitando a sua identificação e localização, pode ainda contribuir para o entendimento da paisagem cultural do alto médio rio São Francisco, ainda tão pouco estudada em suas especificidades e singularidades.

Nossa proposta de pesquisa difere da imensa maioria dos trabalhos acadêmicos relacionados à identidade cultural e ao patrimônio, pelo fato de que não pretendemos realizar tão somente uma pesquisa de origem e destinação acadêmica. Ao lado de nossa intenção de produção acadêmica de conhecimentos derivados de nossas pesquisas e da proposta de fomentar futuros pesquisadores envolvidos com a temática das comunidades tradicionais e mais ainda do rio São Francisco, pretendemos que os resultados alcançados proporcionem um diálogo sistêmico com algumas comunidades tradicionais envolvidas. Esta tem sido uma das principais motivações de nossa pesquisa.

Para tanto, o trabalho de pesquisa levou sempre em consideração a subjetividade da experiência de campo de cada pesquisador, para percepção do principal objetivo da pesquisa. Carlos Brandão (2007) afirma que por mais que um pesquisador possa se armar de toda a objetividade para a obtenção de dados, “todo o trabalho de produção do conhecimento ai se passa através de uma relação subjetiva”. Essa subjetividade sempre foi levada em consideração no desenvolvimento da pesquisa, cada qual a sua maneira.

Caminhamos na direção de uma pesquisa participativa, Brandão (1999 e 2007), tendo a percepção como ponto de referência. Observamos as situações do cotidiano, os espaços e lugares da pesquisa, o ir e vir dos sujeitos, os gestos e falas, assim como outras situações vivenciadas durante os dias de pesquisa.

Neste sentido, buscamos evidenciar a partir de agora a apreensão das formas, conteúdos e representações, inclusos cenários, cenas, pessoas e informações de lugares e saberes tradicionais únicos, fundamentalmente ancorados nas pesquisas de campo e nos aportes teóricos disponibilizados pela disciplina citada, na intenção de compreender a identidade cultural das gentes do rio São Francisco.

## **A identidade cultural sanfranciscana**

O rio São Francisco, inserido em um cenário múltiplo, está separado pelo tempo da intensa modernização e das transformações socioculturais, mas também pela pausa, o silêncio e o sussurrar das águas calmas e límpidas por onde os sujeitos se entrelaçam e entremeiam suas culturas, reproduzindo saberes, formas de interagir e viver do/no e com o rio.

Nesta multiplicidade de lugares, formas, cores, gestos e saberes, ainda conseguimos identificar uma cultura própria, demonstrada por diferenças de modos de vida entre a memória, a tradição e a cultura do povo ribeirinho, entrelaçado com a modernidade das políticas públicas. São trilhas, travessias, caminhos e cenários de uma paisagem tipicamente sanfranciscana. Almeida (2008, p. 47) coloca que “a paisagem é uma reconstrução, um produto da apropriação e da transformação do ambiente em cultura”. Sendo assim, a paisagem do rio São Francisco possui uma geografia singular

entre o vivido, o vivo, o imaginário e o simbólico, entre o espaço natural e o lugar sociocultural.

As pessoas com as quais conversamos vivem no/do rio. Entendem e utilizam o São Francisco enquanto um território de apropriação material e simbólica. Um rio utilizado para o trabalho, para a reprodução da vida e suas bênçãos e que hoje vem sofrendo a cada dia com as mudanças ocasionadas pelo poder dos “mais fortes”. Estes, com poderes e interesses direcionados encontram no rio uma fonte inesgotável para a exploração capitalista, com suas avançadas técnicas de produção vem, cada vez mais, modificando a paisagem sanfranciscana. Outros, ainda colocam barreiras intransponíveis para a utilização racional dos recursos naturais de rio e beira rio, obrigando inclusive a manifestos e lutas por resistência ao uso sustentável de territórios legalmente pertencente ao Estado, mas historicamente ocupado por famílias que tem como única fonte de sobrevivência os recursos advindos das terras e águas do rio São Francisco. Concordamos com Diegues (2008, p. 187), ao afirmar que “há grande necessidade de se conhecer melhor as relações entre a manutenção da diversidade biológica e a conservação da diversidade cultural”.

Guimarães Rosa (1986, p. 41), que em outros tempos retratou os lugares do rio São Francisco, já afirmava que “o melhor de tudo é a água”. Historicamente a natureza sempre foi o símbolo da fartura, da sobrevivência e das práticas e formas de trabalho tradicionais que representaram e ainda representam o respeito aos recursos naturais. Conforme afirma Almeida (2008, p. 53) “a existência da natureza e da cultura é produto das concepções de mundo e das relações sociais”. Sendo assim, a percepção da cultura e da natureza permeia e faz parte da vida de homens e mulheres acostumados a viverem tendo o rio como um lugar de vida.

Almeida (2008, p. 48), citando Claval (1995) nos lembra que “é pela cultura que as populações interagem com a natureza, fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular, além de se enraizarem no território. Há, assim, uma herança cultural que permeia a relação com o território”.

Agora mais do que em outros tempos, os territórios do rio representam uma dupla riqueza, tanto para aqueles que sempre viveram e compartilharam com o rio o seu sustento, como para aqueles que chegaram recentemente em busca de novas formas de exploração e apropriação da natureza. Citamos neste caso os pescadores amadores, os

turistas de veraneio, os grandes fazendeiros, as indústrias e os órgãos governamentais que restringem ao extremo a utilização dos recursos do rio.

Neste sentido, a identidade cultural tem sido um dos aportes que garante a perpetuação de grupos e comunidades tradicionais, proporcionando relações sociais capazes de estreitar os laços de solidariedade, sociabilidade e pertencimento entre os seus membros. Assim como Hall (1997) destacou ser a identidade nacional uma “comunidade imaginada”, as comunidades tradicionais do médio rio São Francisco vem sendo, ao longo do tempo, também ofuscadas pelas novas formas de produção capitalista, se tornando cada vez menos perceptíveis.

As comunidades e ilhas pesquisadas ao longo do médio rio São Francisco, possuem características próprias de um viver próximo ao território do rio, sejam eles reais ou imaginários. A maioria das pessoas que entrevistamos delimitam seus espaços a favor de suas necessidades reais de plantio, de moradia e até mesmo de lazer. Além disto, as formas simbólicas e afetivas estão presentes em toda a estrutura do viver.

Neste sentido, se torna evidente a necessidade de darmos visibilidade a estas formas específicas de manifestação da identidade cultural sanfranciscana, trazendo, no tópico seguinte, as múltiplas categorias de lugares e sujeitos registradas ao longo de nossa pesquisa.

### **As múltiplas nuances do viver sanfranciscano**

Habitualmente as comunidades tradicionais das beiras do rio São Francisco são identificadas, assim como os seus povoadores, através de um lugar-natureza de habitação e de trabalho, exceto os casos de comunidades cujo nome qualificador deriva de um conceito de etnia - *comunidade indígena, aldeia xacriabá, comunidade quilombola, quilombo*. O tipo de ambiente natural no qual se vive e que rusticamente se transforma, define um lugar: uma ilha do rio, uma beira do rio, uma vazante do rio, um barranco do rio ou uma terra alta longe do rio. Sendo, portanto, um território que pode envolver vários “povos”, vários tipos de povoação, inúmeras comunidades, que segundo Almeida (2008) compõe “signos identitários” específicos de cada comunidade local.

O próprio interior líquido e sempre movente do rio São Francisco, assim como o de outros afluentes de sua bacia, possuem múltiplos cenários que abrigam, entre as águas, as ilhas e as barrancas, uma grande variedade de pessoas. Um rio-estrada que durante muitos anos foi caminho de canoas, barcas e vapores. Neste tempo a figura dos *barqueiros*, *remeiros* e, mais tarde – atualmente quase desaparecidos – dos *vaporzeiros*, descritos por Zanoni Neves (1998), predominava na paisagem do rio. Oliveira (2009, p.16) ao trabalhar com a memória dos antigos remeiros e vaporzeiros retrata que “seguiram em suas barcas e vapores desenhando o rio, traçando geografias na travessia de Pirapora- MG a Juazeiro-BA”. Um tempo distante em que o trabalhado, a troca, a navegação e a circulação de pessoas ainda eram feitos pela estrada líquida.

Com o passar dos anos o rio perdeu suas barcas de carrancas em favor dos vapores e, de anos para cá, os seus vapores em favor das estradas de asfalto e terra. O São Francisco deixou de ser um caminho de viagens entre Minas e o Nordeste. Quase todo o seu movimento de pessoas é realizado por meio de pequenas barcas e canoas com motores ou a remo, entre uma margem e a outra.

Hoje como ontem, o rio tem como cenário o trabalho. Uma primeira imagem sobre os cenários e sujeitos de nossa pesquisa voltou-se para aqueles que, vivendo ao lado do rio, exercem o seu ofício dentro dele. Identificamos com grande facilidade a figura do *pescador*. No entanto, fora os pescadores artesanais e profissionais, que vivem exclusivamente desta prática, basicamente todos os habitantes de rio e beira rio que vivem do trabalho com águas e terras e se identificam como sendo *lavradores/agricultores*, mas que também pescam para garantir a dieta familiar ou para a venda esporádica e local. São em sua maioria homens, responsáveis pela renda familiar. Identificamos poucas mulheres ou grupo de mulheres pescadoras que exercem esta atividade como suplementar.

Em algumas comunidades, há casos em que a atividade da fração masculina do grupo doméstico é a pesca, sendo a agricultura sazonal secundária. Como a agricultura não é praticada intensamente durante todo o ano, e como a pesca é interrompida em tempo anuais de defeso, durante a piracema, agricultores-pescadores ou pescadores-agricultores oscilam entre uma atividade prioritária e a outra. Há vários casos ao longo do São Francisco de pescadores profissionais. Pescadores artesanais com licença oficial

para a atividade e quase sempre congregados em colônias de pesca. A eles é pago um seguro do governo durante o período do defeso.

Alguns podem ser pescadores artesanais isolados, isto é, não associados a uma colônia de pesca com reconhecimento oficial. Não possuem carteira de pesca e não recebem o subsídio governamental durante a época da piracema, ou do defeso, quando a pesca no rio é suspensa. Identificamos ainda, os pescadores amadores locais e vindos de fora, os turistas da pesca.

A tradição no trabalho coletivo, na partilha e na reciprocidade, no estar na comunidade, no viver e produzir seus alimentos, no conflito e no confronto com costumes rurais e urbanos que transcorrem a vida de agora, os identificam como homens e mulheres que tem a vida ligada a terra e ao rio. Raízes que fazem com que terra e água sejam indissolúveis e responsáveis pela sobrevivência humana no lugar. Quando dizem: “*somos agricultores e depois pescadores*”, repetem e confirmam as suas práticas de trabalho realizadas no cotidiano.

*Pescador* é o nome de preferência para dizerem quem eles são. Além disto, eles costumam utilizar algumas outras categorias específicas. Do ponto de vista do lugar onde vivem eles são *barranqueiros*, *ribeirinho* e mais raro, *beradeiros*. Vivem em sua maioria nas ilhas, vazantes, comunidades ou cidade próximas do rio, como Pirapora, Buritizeiro, Januária dentre outras, ou ainda, em barracas improvisadas montadas no barranco do rio.

Estamos diante de atividades e profissões ou já quase desaparecidas no Norte de Minas, ou a caminho de desaparecerem: *remeiros*, *canoeiros*, *barqueiros* e *vaporzeiros* de um lado e, do outro, *pescadores*.

Partindo de dentro do rio, palavras locais que definem o lugar em que se vive, estabelecem quem são os seus povoadores do passado ou de agora. Assim, o nome *ilheiro* (morador em uma das ilhas do São Francisco) não é ainda muito comum nas mais de trinta ilhas que passamos. Embora cresça o seu uso, identificamos que palavras como: *beradeiro*, *barranqueiro*, *ribeirinho* e *vazanteiro*, e em alguns casos especiais, *quilombolas*, são os termos com os quais as pessoas das ilhas e comunidades tradicionais se identificam e reconhecem enquanto categorias da terra e do rio onde vivem.



Estes mesmos nomes estendem-se aos territórios locais de vida e qualificam tipos de comunidades: *comunidade ilheira*, *comunidade barranqueira*, *comunidade vazanteira*, *comunidade ribeirinha* e *comunidade quilombola (ou quilombo)*. Em termos mais militantes e políticos, os mesmos nomes derivados do “onde eu vivo e trabalho” começa a designar movimentos e manifestos, como é o caso do grupo “vazanteiros em movimento”<sup>3</sup> criado para reivindicar o direito ao uso do território pelos seus membros.

O termo *barranqueiro* é utilizado por vários autores para designar as populações nas margens do Rio São Francisco. Para Mata-Machado (1991, p. 38), significa o “lavrador de vazante, conhecido como barranqueiro”. Para Pierson (1972, p. 305), o termo equivale ao *lameiro*, populações que plantam em áreas de lameiros e que serve para descrever: “pessoas que conhecem bem o rio e outros detalhes físicos da região e estão com eles intimamente associados”. *Barranqueiro* é caracterizado por Neves (1998) como termo da linguagem regional da região do Médio São Francisco. Já De Paula (2009) salienta que a partir da década de 1960 o *barranqueiro* “passou a designar indistintamente todos os habitantes da ribeira, sejam do campo ou das cidades”.

Especialmente Diegues e Arruda (2001, p. 51) utilizam o termo *varjeiro* para designar as populações tradicionais das margens do São Francisco: “Varjeiros ou varzeiros são aquelas populações tradicionais que vivem às margens dos rios e várzeas, sobretudo às margens do rio São Francisco”. Ressaltamos que em nenhum dos relatos, entrevistas ou contato com as comunidades e ilhas pesquisadas foi citado o termo *varjeiro*. Foi citado o termo agricultura de vazante para designar o plantio nas ilhas e beiras do rio.

Outros nomes tradicionais empregados na região para quem “lida com a roça” podem aparecer como qualificadores ocupacionais, sendo mais raro a designação de *roceiro*, em uma direção voltada ao passado e hoje quase pejorativa. Com menos frequência a palavra *sitiante* é utilizada entre os moradores de pequenos sítios localizados a beira do rio e que utilizam a sua propriedade para o plantio e a criação de

---

<sup>3</sup> Movimento de vazanteiros das comunidades de Pau Preto, Pau de Léguas e Lapinha, município de Matias Cardoso no Norte de Minas Gerais, que reivindica a retomada de seus antigos territórios hoje pertencentes aos parques estaduais Verde Grande, Cajueiro e Mata Seca.

gado. Aplica-se, ao local de moradia ou a um terreno cuja concessão foi feita pela compra individual ou familiar.

Podemos analisar que, além dos dois substantivos, *agricultor e lavrador*, que com mais frequência indicam a ocupação principal de um homem adulto e, mais raro, de uma mulher, alguns outros podem ser também usados. No depoimento de alguns moradores das ilhas e beira rio há, principalmente por aqueles já filiados a associações, o uso da palavra *vazanteiro*. Voltemos a esta nomenclatura derivada do trabalho que, conforme afirma Luz de Oliveira (2005, p. 16) define os “moradores das margens e ilhas do rio São Francisco”.

Nesta paisagem que envolve categorias da vida e do trabalho - ilhas e beira rio - Araújo (2009) trabalha com dois tipos distintos e complementares, “as comunidades negras vazanteiras”. Neste caso a autora considera as comunidades estudadas por ela, enquanto duas categorias: *quilombolas e vazanteiras*. Para Costa (2005) e Almeida (2008, p. 68), “nas ilhas e barrancas do rio São Francisco e nas margens de outros grandes rios que existem nos sertões, existem os barranqueiros ou vazanteiros”, considerando a junção destes dois termos.

Souza (2011, p. 81) esclarece alguns pontos desta junção, sobreposição e complementação de palavras e conceitos, chamando a atenção para o fato de que “existe uma certa diferença entre ser um morador de beira de rio e ser um morador de ilha”. Neste sentido, afirmamos que generalizar a categoria *vazanteiro* como sendo todos os moradores das margens e ilhas do rio São Francisco, engloba populações com hábitos e saberes distintos, não priorizando as especificidades de cada grupo sociocultural. E, mais ainda, qualifica-los enquanto quilombolas e barranqueiros apenas como uma categoria sobreposta, não reforça seus laços identitários. Podemos sim afirmar que são *vazanteiro e quilombolas; vazanteiros e barranqueiros; vazanteiros e ilheiros; vazanteiros e ribeirinhos* e não um ou outro.

Neste caso, a autora traz para a discussão um outro conceito, os *ilheiros*. Não tão usual entre todos os moradores de ilhas, mas um termo enfatizado no local de sua pesquisa. Segundo Souza (2011, p. 104) existe um modo de vida específico que fazem destes moradores “verdadeiros ‘ilheiros’ que plantam e pescam para garantir o sustento de suas famílias”.

Vimos e veremos que dois tipos de termos, a sós ou juntos, servem para identificar as diferentes categorias de pessoas do rio e de beira-rio. Um é o que diz em que lugar de natureza socializada se vive. Outro o que qualifica o tipo de trabalho preferencial que se realiza “ali” onde se vive ou, em casos mais raros (mas crescentes), fora “dali”. Assim, vemos que um homem é um *lavrador*, um *agricultor*, um *roceiro*, ou um *pescador*, sendo também um *vazanteiro*, um *ilheiro*, um *barranqueiro*, um *ribeirinho* ou ainda, um *sitiante*.

De forma especial encontramos povos e comunidades *quilombolas*, também auto-designadas em algumas regiões como *quilombos*. Desde a Barra do Pacuí<sup>4</sup>, - cujos moradores oscilam entre se afirmarem “quilombolas” e rejeitarem este termo, conforme relatos apresentados nas pesquisas de Santos (2008) e De Paula (2009), - até comunidades em que o “ser quilombola” é o qualificador mais relevante. Alguns de nossos trabalhos de campo foram realizados junto à pessoas, famílias e comunidades em que um qualificador étnico, como indicador de uma etnia, de uma cultura e também de uma história própria, soma-se aos outros ou os antecede. Segundo Costa (2005, p. 308) “são comunidades que mantêm aspectos significativos de sua cultura, de sua reprodução social, enraizados na diversidade ecossistêmica presente nas planícies sanfranciscanas”.

Em um outro plano, temos o “homem rico” da cidade, os agentes do poder e, mais ainda, os grandes *fazendeiros* ou os novos empresários do agronegócio. Os agricultores irrigantes das barrancas incorporadas a grandes ou pequenos projetos de irrigação são o seu melhor exemplo. Entre os dois pólos podemos colocar, ora mais próximos, ora bastante mais distanciados, os neo-ocupantes de terras, como os *assentados* da reforma agrária, ou os *sem-terra* e, finalmente, os habitantes e trabalhadores - entre autônomos e empregados - moradores permanentes ou sazonais nas comunidades tradicionais.

Se partirmos de dentro do rio São Francisco, estaremos viajando entre porções mutantes de terras dentro do rio; as *ilhas*, entre as *vazantes* alagadas e a terra firme das *barrancas*, até o alto de *chapadas* que delimita o vale. Viajamos entre as terras mais molhadas e inundáveis das *barrancas*, *beiras*, *várzeas* - onde existiam e secam hoje as “lagoas criadeiras” - até as terras mais altas e crescentemente, ocupadas unicamente

---

<sup>4</sup> Comunidade localizada na beira do rio São Francisco, pertencente ao município de Ibiaí, norte de Minas Gerais.

pelas grandes fazendas. De suas margens, entre águas e matas fechadas, conhecemos as *culturas sanfranciscanas*. Pessoas das *comunidades tradicionais* que disseram quem são, desde o lugar em que vivem as suas vidas até as formas identitárias como são auto-denominados. Neste cenário sempre existiu uma profunda e rotineira relação das pessoas com o rio e a terra firme, fazendo com que a identidade cultural se manifeste no estar no rio e na dependência do rio.

Este exercício de classificação de acordo com a geografia dos lugares de vida e dos nomes atribuídos a eles, às pessoas e às comunidades nas quais vivem salienta ainda mais as suas identidades, tanto territorial quando cultural. Almeida (2008, p. 49) ao trabalhar com a identidade do sertanejo aponta que “tem-se clareza de que as identidades imbricam-se, mesclam-se e apresentam dinamicidade, construindo uma diversidade identitária”. No caso do rio São Francisco esta heterogeneidade também se faz presente por meio de suas gentes, sendo, portanto uma “etnoterritorialidade” com dimensões paisagísticas e culturais múltiplas.

Após uma breve referência as diversas denominações das pessoas e lugares do rio São Francisco, elaboramos um quadro com as principais categorias encontradas no rio São Francisco. Nele estão sintetizadas algumas características das diversas “gentes do rio”.

<b>AS GENTES E OS LUGARES SANFRANCISCANOS</b>											
	<i>Os barqueiros, remeiros e vaporzeiros</i>	<i>Os pescadores</i>	<i>Os lavradores/ agricultores</i>	<i>Os sitiantes</i>	<i>Os ribeirinhos</i>	<i>Os barraqueiros</i>	<i>Os vazanteiros</i>	<i>Os ilheiros</i>	<i>Os quilombolas</i>	<i>Os assentados</i>	<i>Os fazendeiros</i>
<b>Os lugares</b>	Nas águas do rio	Nas águas do rio	Nas ilhas, vazantes e terras altas próximas ou distantes do rio	Nas terras altas próximas ao rio	Em todas as margens do rio São Francisco e de outros rios	Nas cidades, povoados e pequenas comunidades da beira do rio	Nas vazantes e ilhas do rio	Nas ilhas	Nas margens do rio e em outras regiões. Pequenas e médias comunidades	Nas terras altas longe do rio	Nas chapadas e terras próximas ao rio
<b>Características</b>	Do passado. Viviam e trabalhavam transportando pessoas e mercadorias em todo o trecho navegável do rio.	Praticam a pesca e a agricultura. Divididos em três categorias: profissionais, amadores e pesca esportiva.	A agricultura é a atividade principal e a pesca a atividade secundária. Plantam nas ilhas, vazantes e nas terras altas longe do rio	Pessoas de maior renda e com médias extensões de terra na beira do rio, utilizada tanto para a agricultura como para a pecuária.	Vivem perto do rio e podem exercer qualquer tipo de atividade e em lugares variados. Não vivem essencialmente em comunidades.	Possuem as suas relações simbólicas e afetivas ligadas ao rio. Exercem atividades variadas.	Prática da agricultura de vazante e sequeiro intercalado com a pesca e criação de animais. Conhecem bem os ciclos das águas.	Plantam apenas nas ilhas, em época diferenciada da terra firme. Criam códigos próprios para lidar com a fluidez de seus territórios.	Convívio com o grupo familiar. Articulação entre agricultura, criação de gado, pesca e extrativismo.	Moram, plantam e criam animais em lotes distribuídos pelo programa de reforma agrária.	Grandes produtores de soja, banana, eucalipto e criadores de gado. Utilizam alta tecnologia e não possuem nenhum vínculo identitário com o rio.

QUADRO 1: As gentes e os lugares Sanfranciscanos.  
Org.: SOUZA, A. F. G. (Ago./2011).

Na leitura deste quadro observamos modos de vida, lugares e sujeitos diferenciados que ora se mesclam ora se diferenciam pelas suas especificidades, tanto no viver quanto no morar, plantar e pescar.

Maura Penna (1992, p. 56) salienta a importância desta “dinâmica de articulação de identidades sociais diferenciadas” afirmando que “é preciso abandonar qualquer enfoque da identidade que a conceba necessariamente como monolítica, única ou estável, ou ainda, como dotada de existência própria”. Portanto, os modos de vida e os saberes populares da cultura sanfranciscana são múltiplos.

### **A reafirmação das identidades**

Até aqui identificamos “entre-lugares” que desdobram a cultura do rio São Francisco em diferentes categorias de seus sujeitos reais, a partir da maneira como eles se auto-referenciam e identificam outros povoadores de um mesmo território e de outros diversos espaços sociais do rio São Francisco. Vimos que ao falarem de si mesmos - habitantes de lugares de vida e trabalho que vão do interior de ilhas ao alto das cidades - entrelaçam estes três critérios de identidade, dando mais ênfase ora a um componente da tessitura ora a outro, de acordo com a circunstância: a) a etnia (neste caso marcada pela presença dos negros que se denominam quilombolas, mais do que dos outros negros de modo geral); b) a categoria da ocupação principal do trabalho produtivo (agricultor, lavrador, pescador, etc.); c) o território de moradia, vida e trabalho, (ilha, vazante, cidade).

Os diferentes territórios do rio criam culturas diversas e próprias. Assim, é usual falarmos em *cultura vazanteira* ou *cultura quilombola*. No entanto, tomando no seu todo o amplo território considerado em nossa pesquisa, poderemos configurar o que denominamos de *cultura sanfranciscana*, por ter em todas as suas relações um conjunto de relações intimamente ligada ao rio. Entretanto, é necessário associar a estes fragmentos de descrição das diversas culturas da *cultura sanfranciscana*, outros indicadores que talvez as caracterizem mais do que o que ainda “está preservado” nelas.

De *barranqueiros* a *quilombolas*, o que observamos ao longo do curso do rio, são culturas partidas, fragmentadas, deslocadas de complexos sistemas de sentidos e de práticas de vida que antes teriam existido. Os ilimitados projetos capitalistas apareceram

para destruir não apenas os frágeis ecossistemas próximos ao rio, mas também modos de vida e tradições de e entre comunidades que aos poucos se perdem.

O que uma ampla *cultura sanfranciscana* hibridiza com outras culturas, desde décadas antes e, sobretudo hoje em dia, são frágeis traços resistentes. São partes quebradas ou mesmo fragmentos do que antes foi uma complexa forma de vida que resta apenas uma dança, uma reza de terço, uma forma de fazer, uma memória entre os mais velhos. Mais do que repetir o fato de serem elas resistentes culturas subalternas, culturas dominadas, culturas postas à margem por outras formas sociais de cultura, vale pensar em que condições concretas elas resistem e se reproduzem.

Almeida (2008, p. 70) coloca que “as identidades são dinâmicas”, elas estão relacionadas ao contexto socioespacial, sendo que, “a existência de identidades híbridas é parte deste processo”. Atualmente parece cada vez mais raro haver algo que possa desenhar traços aceitáveis das identidades tradicionais puras, seus modos de vida e suas formas pessoais e coletivas de viver, o que se vê é uma nova cultura híbrida. Posto que, conforme afirma Hall (1997, p. 67) “as nações modernas são, todas, híbridos culturais”.

Em um outro patamar, Morley (2005, p. 159) acrescenta que “es necesario reconocer la importancia de las relaciones de poder dentro de las cuales se construyen las identidades híbridas diferenciales”. Este autor nos chama a atenção para as múltiplas nuances que envolvem as discussões sobre as identidades, tocando em um fato importante de ser analisado: as relações de poder que se formam a partir da construção de identidades híbridas.

Quando, em uma pequena comunidade tradicional sanfranciscana os seus moradores reclamam “o que antes tinha aqui, hoje não tem mais”, o que se lamenta é justamente o duplo efeito do insulamento, do cercamento e da fragmentação decorrente do amplo processo de fragmentação destas culturas.

Algumas comunidades experimentam momentos de estabilidade e uma quase garantia de paz e permanência em seu território entre rio e as cercas das grandes fazendas. Porém, a grande maioria delas enfrenta a reprodução de uma sempre possível e presente ameaça de expropriação parcial ou total de suas terras e do seu trabalho. Outras lutam como podem para judicialmente verem reconhecidos os seus direitos a permanecerem, mesmo quando ilhados ou cercados, no que ao longo dos anos e entre os ancestrais e os descendentes, lhes sobrou de terra e água. É muito rara, quase exemplar,

a história de uma comunidade tradicional que tenha preservado íntegro ou mesmo quase inteiro um território ancestral de ocupação. Mesmo dentro das comunidades e pequenas ilhas, as “gente do lugar” agora se misturam com os turistas, modificando as suas vidas cotidianas, abrindo espaço para a construção de casas de veraneio e clubes de pesca. Os mais velhos reclamam de tantas e tão repentinas mudanças que depressa roubam do lugar a memória das raízes e os modos de ser do presente que até pouco tempo ainda os faziam ser “tradicional”. Se nos colocarmos tanto quanto possível desde o ponto de vista de povoadores que vão de ilhas a chapadas, veremos que o que eles reclamam não é do progresso “que não veio”. Reclamam a perda do que havia antes. Reclamam da quebra de um equilíbrio característico da vida simples, do sossego e da calma do lugar.

Para além da comunidade, o que predomina na beira do rio e no alto das chapadas são grandes propriedades do agronegócio, extensões de terras e de monoculturas vazias de gente e de vida comunitária. O que fora antes uma espécie de “cultura de todos”, dividiu-se cada vez mais e deixou entre “os fracos” o que ainda hoje conseguimos identificar e estudar, mas que daqui a alguns anos pode vir a não existir mais.

Ao escrever sobre as populações sertanejas, Almeida (2008, p. 55) afirma que “a natureza converte-se em um patrimônio cultural e a biodiversidade desse ecossistema é, na atualidade, parcialmente de domínio destas populações”. Neste contexto, evidenciamos um fator positivo de grande importância para a salvaguarda das populações sanfranciscanas. A garantia de que o rio São Francisco possa ser reconhecido e preservado tanto pela sua paisagem natural como também, pelo reconhecimento da sua identidade cultural, dos seus modos de vida e dos saberes populares, nele inseridos todas as formas de propagação da vida.

Ao se auto-afirmarem enquanto *pescadores, lavradores, agricultores ribeirinhos, barraqueiros, ilheiros, vazanteiros, e quilombolas* estas comunidade de ilhas e beira rio, estão se diferenciando de outros povos e comunidades e reafirmando seus laços de pertencimento e de enraizamento ao território e o seu desdobramento social, o processo de territorialização e a sua identidade cultural.

Almeida (2008, p. 58) o território é “objeto de operações simbólicas e é nele que os sujeitos projetam suas concepções de mundo”. Esta autora afirma ainda que “o



território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural”. Esta relação de dependência destas pessoas com o território e o rio cria laços identitários que mantém viva as heranças culturais, os vínculos com o lugar de vida e trabalho.

Lugar este que Massey (2000, p. 184-185) aborda a partir de três noções. Primeiro, “ele é absolutamente não estático”, fruto de interações e processos. Segundo, ela não deve “ter fronteiras no sentido de divisão demarcatórias”, os lugares estão interconectados, integrando o global com o local, articulando “redes de relações e entendimentos sociais” independente de fronteiras e pontos fixos. Terceiro, “os lugares não tem ‘identidades’ únicas ou singulares: eles estão cheios de conflitos internos”. Isso não significa dizer que não devemos tratar com importância as especificidades, mesmo porque a história acumulada e as interações sociais reafirmam suas singularidades.

A partir das reflexões desta autora, devemos pensar os lugares não mais sobre uma perspectiva estática, imóvel e enraizada. O lugar é também um campo de disputas, onde as relações são móveis, conflitivas e em constante mudança. Devemos lembrar ainda que os lugares são formados de acordo com suas necessidades e usos. Neste sentido, a autora salienta a importância da singularidade de um lugar afirmando que:

[...] o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular. (MASSEY, 2000, p. 184).

Sendo assim, o lugar está no global mas o lugar não é o global. Almeida (2008, p. 59) acrescenta que “é inevitável a conclusão de que muitos laços de identidade se manifestam na convivência com o lugar, com o território”. Portanto, a afirmação identitária ressalta os vínculos territoriais e culturais com o lugar, expressos na forma como os sujeitos se identificam perante os “seus” e os “outros”.

Para Claval (1999, p. 13) “a construção do território faz parte de estratégias identitárias”. Neste sentido, Diegues e Arruda (2001), evidenciam ser a partir da afirmação da identidade que um determinado grupo ou comunidade possa reivindicar o domínio sobre determinado território. Esta afirmação enlaça os sentimentos de pertencimento, bem como as relações simbólicas-culturais, definido por Almeida (2008,

p. 59) como sendo a territorialidade, que “considera tanto as questões de ordem simbólico-cultural como também o sentimento de pertencimento a um dado território”. Esta afirmação faz com que as suas singularidades e diferenças sejam postas em evidência, propiciando aos seus membros territorialidades próprias.

Castells (1999, p. 22), tais singularidades podem ser percebidas pelos laços identitários, “fonte de significados e experiências de um povo”. A identidade é entendida por este autor como sendo “o processo de construção de significados com base em um atributo cultural”. Neste caso, as instituições dominantes, a resistência e a reconstrução de identidades compõem o que o autor classifica como sendo as três formas e origens de construção de identidades, são elas: legitimadora, de resistência e de projeto.

Maura Penna (1992) ao trabalhar com a identidade nordestina cita quatro fatores importantes para a sua identificação, sendo: a naturalidade, a vivência, a cultura e a auto-atribuição. Segundo a autora, devemos deixar de lado o enfoque da identidade enquanto “monolítica, única ou estável, ou ainda como dotada de existência própria”, (PENNA, 1992, 56). Devemos, portanto, assumi-la em suas múltiplas formas.

Trazemos ainda as ideias de Bonnemaïson (2002, p.126) afirmando que “o território lembra as idéias de diferença, de etnia e de identidade cultural”. Segundo ele “é pela existência de uma cultura que se cria o território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço”. (BONNEMAISON, 2002, p. 101-102).

Neste sentido, Claval (1999, p.16), afirma que “os problemas do território e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados”. Assim como coloca Haesbaert (2007, p. 35), “devemos começar por destrinchar o elo, ao nosso ver indissociável, entre território e cultura ou, mais especificamente, entre território e identidade”. Portanto, é no território e a partir do território que todas as relações materiais, sociais e simbólicas se propagam, sendo que a identidade, a cultura e território estão intimamente relacionados, perpassando todas as relações de poder existentes.

Diante do exposto, podemos afirmar que a cultura sanfranciscana envolve um complexo e dinâmico mosaico de formas próprias de manifestação da cultura e da identidade local, refletida em seus vínculos territoriais, culturais, nos seus saberes, fazeres e expressão simbólicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas comunidades tradicionais onde realizamos a nossa pesquisa, foi possível encontrar características culturais, modos de vida e saberes populares que configuram uma identidade cultural sanfranciscana rica e diversificada, que compõe um patrimônio cultural construído pelos seus saberes e fazeres. Vivenciamos a realidade vivida por homens e mulheres que por meio da cultura às margens do rio, representam dimensões do concreto, do materializado, do percebido, dos ciclos de vida e de águas, de um rio com significados materiais e simbólicos, que existe, persiste, resiste e preserva a esperança na vida.

O rio, suas paisagens, suas culturas e sua identidade cultural. Pessoas, rio e vivências que se mesclam em um viver peculiar e característico de quem cria nele relações e símbolos, memórias e esperanças, alegrias e angustias. Simbologias e significados que identificados, estudamos e procuramos aqui de alguma forma retratar.

Para além das formas, expressões e símbolos, identificamos que no atual contexto vivido pelas populações tradicionais localizadas ao longo do médio rio São Francisco, parece-nos ser urgente ações que fortaleçam iniciativas locais que evidenciem a cultura sanfranciscana, revitalizadas por meio do pertencimento, da valorização dos saberes, da apropriação dos territórios e no respeito às tradições, aos costumes, aos credos, as partilhas e as expressões simbólicas e que resultem numa promoção da identidade cultural e sua patrimonialização.

É bem possível prever que aconteça com as pessoas que vivem do rio São Francisco o mesmo que já vem ocorrendo em outras regiões do país. Pessoas ocupadas produtivamente em viajar pelo rio ou em obter dele o alimento e o produto de venda desaparecem aos poucos e são substituídas por outras, vindas de fora e com outros poderes, usos e sentidos para as suas práticas.

A promoção das comunidades tradicionais sanfranciscanas requer ações concretas de valorização e salvaguarda de seus modos de vida e suas formas identitárias. Evidenciamos neste artigo as múltiplas categorias de sujeitos e lugares como forma de autonomia cultural de grupos sociais diferenciados que moram, trabalham e partilham saberes a partir de suas vivências com o rio São Francisco. Procuramos citar todas as

categorias encontradas ao longo de nossa pesquisa, a fim de ressaltar a diversidade étnica, cultural e identitária presente na paisagem do rio.

Encontramos em nossa pesquisa diversas pessoas e comunidades com características diferenciadas, tanto pelas suas formas de vida quanto de trabalho: *pescadores, vazanteiros, barranqueiros, ilheiros, ribeirinhos, quilombolas*. Como outros mais raros e ainda presente na memória dos mais velhos como os *remeiros, barqueiros e vaporzeiros*. No meio caminho temos os *assentados* que independente do lugar de vida, buscam no trabalho com a terra o meio essencial de sobrevivência. E ainda, gentes vindas de outras partes e que se inseriram no cenário do rio a fim de obter ganhos capitalistas com os seus recursos, alguns *sitiantes* e os tão temidos grandes *fazendeiros*.

Neste universo tão dinâmico e diverso que é o rio São Francisco, há que se salientar a importância do resgate de práticas, saberes e manifestações culturais que evidencie a afirmação de uma identidade cultural tradicional, essencialmente sanfranciscana, que move a vida e a memória de pessoas ligadas fisicamente e simbolicamente as águas e terras do rio.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine Costa. (Orgs.). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p. 47 - 97.

ARAÚJO, Elisa Cotta de. **Nas margens do São Francisco: sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação ética do Quilombo da Lapinha e dos Vazanteiros do Pau de Léguas**. Montes Claros, PPGDS, 2009, 252f. Dissertação de (mestrado em Desenvolvimento Social). Departamento de Ciências Sociais, Unimontes, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Goiás, Revista Sociedade e Cultura, V. 10. N. 1, Jan/Jun. 2007, p 11-27.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni. (Orgs.). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p. 83-131.

CASTELLS, Manuel. Paraisos comunais: Identidade e significado na sociedade em rede. In: \_\_\_\_ **O poder da identidade**. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. vol. II

CLAVAL, Paul. **La géographie culturelle**. Paris: Nathan, 1995.  
\_\_\_\_. O território na transição da pós-modernidade. In: **Revista GEOgraphia**. Rio de Janeiro Ano I, nº 2, dez de 1999.

COSTA, João Batista de Almeida. Cerrados norte mineiro: populações tradicionais e suas identidades territoriais. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005, p. 295- 319.

DE PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha. **Travessias** - movimentos migratórios em comunidades rurais no sertão do norte de Minas Gerais. 2009. 350 f. Tese (doutorado em Geografia). Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2009.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana; ARRUDA, Rinaldo S.V. (Orgs.) **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 6 ed. ampliada. São Paulo: Hucitec/ NUPAUB/USP, 2008.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

HAESBAERT, Rogerio. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades. In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira; HAESBAERT, Rogério (orgs.). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

LUZ DE OLIVEIRA, Claudia. **Vazanteiros do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais**. 2005, 134f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Departamento de Sociologia e Antropologia, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: Arantes, Antonio (org). **O espaço da diferença**. São Paulo: Papirus Editora, 2000.

MATA-MACHADO, Bernardo. **História do Sertão Noroeste de Minas Gerais 1690-1930**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

MOLEY, David. Pertenencias. Lugar, espacio e identidade em um mundo mediatizado. In: ARFUCH, Leonor. **Pensar este tempo**: espacios, afectos, pertinencias. Buenos Aires: Paidós, 2005. P. 131-167.

NEVES, Zanoni. **Navegantes da Integração**: os remeiros do rio São Francisco. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

OLIVEIRA, Joycelaine Aparecida de. **Ciclos de águas e vidas**: o caminho do rio nas vozes dos antigos vaporzeiros e remeiros do São Francisco. 2009, 144 f. Dissertação (mestrado em Geografia), Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2009.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**: identidades sociais, interesses e o caso “escândalo” Erundina. São Paulo: Cortez, 1992.

PIERSON, Donald. **O Homem no Vale do São Francisco**. Rio de Janeiro: minter/SUVALE, 1972, Tomo II.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

\_\_\_\_\_. **Grande Sertão: Veredas**. 33ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, Rodrigo Herles dos. **Aqui estou, aqui faço o meu lugar**: um estudo sobre percepções e manejo do ambiente entre camponeses, na comunidade de Barra do Pacuí município de Ibiaí– MG. 2008, 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2008.

SOUZA, AngelaFagna Gomes de. **O tempo das águas**: ciclos de vida entre as margens do rio São Francisco, a Ilha das Pimentas - Pirapora/MG. 2011, Uberlândia, 183f. Dissertação (mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, UFU, Uberlândia, 2011.

Artigo encaminhado para publicação em abril de 2012.

Artigo aceito para publicação em julho de 2012.